

OS PRECEITOS TERAPÊUTICOS NA OBRA *A CIRURGIA* DE HENRI DE MONDEVILLE (MONTPELLIER - SÉCULO XIV)

Maurício Ribeiro Damaceno^{1*} (IC); Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes² (PQ)

¹Graduando do Curso de História (UEG), Campus Cora Coralina, VIC/UEG,
Email: mauricioribeiro96@hotmail.com

²Docente da Universidade Estadual de Goiás/Campus Cora Coralina

Resumo: Desde os primórdios da história da humanidade, o homem se preocupa com os males que o infligem, fazendo com que ao longo dos anos a medicina se aperfeiçoasse juntamente com seus profissionais. O surgimento das universidades na Europa Ocidental, entre os séculos XII e XIII, trouxe a exigência de novas técnicas aos profissionais, especialmente da medicina e cirurgia. Ações como a disseminação da prática de dissecação de cadáveres e a valorização do cirurgião são importantes para o entendimento da medicina da Idade Média. A obra objeto de nossa análise é o tratado médico *A Cirurgia*, composta entre 1306 e 1320, pelo cirurgião e mestre Henri de Mondeville (1260-1321), que se formou em Medicina na Universidade de Montpellier e se especializou em cirurgia em Bolonha. Assim, propomos abordar as técnicas cirúrgicas e terapêuticas pregadas por ele, aos novos médicos-cirurgiões, também chamadas de cirurgias modernas. Para tanto, trataremos ainda, de dialogar com importantes autoridades do saber médico universitário como Galeno, Avicena e Arnaldo de Vilanova, comparando os seus preceitos com os de Henri de Mondeville.

Palavras-chave: Henri de Mondeville. História da medicina. Cirurgia. Terapêutica.

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo abordar os cuidados médicos nos tratamentos de feridas de batalhas, bem como identificar os diferentes métodos terapêuticos, observando as especificidades de cada ferimento. A fonte, objeto de nossa análise, é a obra *A Cirurgia* do médico-cirurgião Henri de Mondeville (1260-1320).

Esse escrito, composto no final do século XIII e início do século XIV, está dividido em 5 tratados e três doutrinas com seus respectivos capítulos. A fonte objeto de nossa análise, descreve com precisão as partes do corpo humano e aponta formas de tratamentos para os mais variados tipos de ferimentos como, por exemplo, o ferimento no crânio, abdômen, o tratamento de úlceras e tumores. Apresenta ainda, preceitos relacionados aos seguintes temas: introdução à cirurgia e apontamentos sobre as condições específicas de doenças, aberturas especiais em tratamento de feridas, incisões necessárias e úteis e o uso das drogas/medicamentos no tratamento das enfermidades. Esta obra deu a Mondeville o privilégio de ser considerado o primeiro francês a escrever um texto de cirurgia.

Tendo nascido em 1260 e vivido até 1320, Henri de Mondeville, pôde cursar Medicina na Universidade de Montpellier. Além disso, em sua formação consta a especialização em cirurgia em Bolonha onde teve acesso aos ensinamentos do médico-cirurgião Teodorico Borgognoni¹(1205–1296/8), o que lhe possibilitou conhecimento e prestígio. O conhecimento adquirido nos centros de saber, permitiu-lhe ocupar cargos importantes como o de cirurgião militar dos reis Filipe IV, o Belo (1285 – 1314), e de Luis X (1289-1316) e também de mestre na Faculdade de Medicina em Montpellier (CLARKE, 1931, p. 459 – 461; SOUSA, 1996, p. 238-239).

A partir da leitura do escrito *A cirurgia* e dos textos que discutem temáticas referentes à cirurgia e à medicina no medievo, destacamos as seguintes problematizações para nossa pesquisa: quais as suas contribuições para a evolução da cirurgia de sua época? Qual a importância do médico-cirurgião? Quais as inovações propostas por Henri de Mondeville em relação às técnicas usadas por autoridades antigas como Galeno e Avicena?

O ensino universitário, surgido no findar do século XII e início do século XIII, trouxe importantes mudanças ao campo da medicina. Não havia mais espaço para os cirurgiões-barbeiros, sendo requerida, a formação acadêmica. Assim, trataremos de analisar a obra *A Cirurgia*, escrita por Henri de Mondeville, entre 1306 e 1320, com intuito de abordar as técnicas cirúrgicas e terapêuticas pregadas por ele, aos novos médicos-cirurgiões, também chamadas de cirurgiões modernos. Para tanto, trataremos ainda de dialogar com importantes nomes da medicina, como Arnaldo de Vilanova², Avicena³ e Galeno⁴.

¹Teodorico Borgognoni (1205 - 1298) foi frade dominicano, que se dedicou principalmente à Medicina e cirurgia em Bolonha.

² Arnaldo de Vilanova (1235-1311), nascido em Catalão, cursou a Faculdade de Medicina em Nápoles. Foi mestre de Medicina em Montpellier que então pertencia ao reino de Aragão. É considerado o primeiro médico hermetista, alquimista e teólogo da Idade Média.

³ Nascido em 980 na Pérsia, era filósofo, teólogo, médico, poeta, músico e detentor diversas outras habilidades. É autor da obra *Cânon* (Al-Qanun).

⁴ Galeno (130-217) nasceu em Pérgamo em 130 da era cristã. Foi médico de gladiadores em sua cidade natal, serviu ao imperador Marco Aurélio e dominava a medicina desde Hipócrates até o seu tempo. Advogava a supuração das feridas e a utilização de excrementos de cavalos, bocados de panos e unguentos, além do abandono dos pacientes em alguns casos.

Resultados e Discussão

Nossa proposta de investigação⁵ é a de compreender os procedimentos cirúrgicos utilizados nos campos de batalhas a partir do saber produzido nos meios acadêmicos no século XIV. Assim, nosso foco foi identificar na obra *A Cirurgia* os diferentes métodos terapêuticos defendidos por Mondeville. Esses procedimentos são apresentados, no segundo tratado da obra em análise, observando as especificidades de cada ferimento e os comparando com as técnicas propostas por autoridades antigas e árabes como Galeno e Avicena.

Vivendo em uma época onde os cirurgiões ainda eram considerados meros trabalhadores manuais que, aos olhos da sociedade, teriam sido poluídos por seus contatos diários com sangue, Mondeville se via orgulhoso de seu trabalho, indo longe com a alegação de que a profissão de cirurgião teria sido muito superior à medicina. Vale lembrar, que houve durante muito tempo, uma certa oposição entre médicos e os cirurgiões onde, ainda no século XIII, Lanfranco de Milão (1250 - 1313) questionava sobre as desavenças entre os dois grupos de profissionais (POUCHELLE, 1990, p. 13-16).

Assim, na Idade Média, a Cirurgia e a Física médica tornam-se as duas áreas fundamentais da medicina onde os cirurgiões eram os responsáveis pelo tratamento de fraturas, feridas e abscesso de caráter externo, e os físicos usavam de seu conhecimento teórico para diagnosticar e sanar as enfermidades (DOMINGO, 2007, p. 114).

O prestígio de Mondeville teria se dado ainda, por sua luta para que a cirurgia ocupasse uma posição fundamental na Medicina, para o reconhecimento da anatomia como habilidade que o cirurgião deveria ter, e ainda, por pregar que a supuração não é uma fase de cura; e o tratamento de feridas com curativos limpos e

⁵ Os resultados dessa pesquisa foram divulgados em alguns eventos. O primeiro trabalho, intitulado *Cuidados médicos em tempos de guerra: A Cirurgia de Henri de Mondeville (França, Século IV)*, foi apresentado no IV Simpósio Nacional I Internacional de História da UEG – “*Sujeitos, Estruturas e (Des) continuidades na História*”, realizado entre os dias 15 e 18 de setembro de 2015 na UEG/ Câmpus Morrinhos/GO. Na XI Semana de Estudos Medievais, realizada entre os dias 03 e 05 de novembro de 2015, no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresentamos comunicação denominada *Saúde e Terapêutica: análise da obra A cirurgia de Henri de Mondeville (Século XIV)*. No II Seminário Internacional de História Medieval e Moderna (UFG-UEG-PUC-GO): *Mundos Ibéricos em Debate*, realizado em Goiânia, entre os dias 08, 09, 10 de junho de 2016, apresentamos o trabalho *A medicina e os procedimentos cirúrgicos na obra A cirurgia de Henri de Mondeville (Montpellier, Século XIV)*.

encharcado com bebidas como o vinho que previne a supuração de ferimentos. (CLARKE, 1931, p. 459 – 461).

Desde os tempos mais remotos, o homem se preocupa com o fato de se ver livre das doenças e do sofrimento, usando para isso, diversos meios ao seu alcance. Assim, ao longo da história da humanidade, o homem foi acumulando experiências a respeito da saúde e das doenças que o infligiam. Podemos desta forma, dividir a história da medicina em dois momentos: No primeiro momento temos a pré-científica com presença da medicina empírica (observação dos fatos sem indagar), da medicina religiosa (movida pelas preces e os sacrifícios) e a medicina mágica (surgimento da magia, feiticeiros e magos); e, em um segundo momento, a científica, que envolve a observação e a experiência com intuito de encontrar uma explicação natural da doença (SOUSA, 1996, p. 15-24).

No final do século XII e durante o século XIII, no ocidente europeu, presencia-se a organização de numerosas corporações de professores e estudantes, inicialmente chamadas de *Estudos Gerais* e, posteriormente, de Universidades. Nesse contexto, teve destaque para a escola de Salerno (primeira escola de cirurgia), para a escola de Bolonha, com a presença da família Borgognoni (Hugo Borgognoni e o filho Teodorico Borgognoni) e com oposição a algumas técnicas pregadas anteriormente por Galeno; e para a escola de Montpellier com influência de Henri de Mondeville. Além disto, a partir do início do século XIV começa a se espalhar a prática de dissecação de cadáveres⁶ e a educação médica foi regulamentada pela primeira vez (SOUSA, 1996, p. 207-215).

O cirurgião também ganhou importância, passando a representar, nos campos de batalhas, por exemplo, a esperança dos guerreiros feridos de que poderiam ser salvos e voltar para a guerra, evitando dessa forma, as baixas dos cavaleiros. Cabe lembrarmos que os exércitos romanos eram acompanhados de uma equipe que contava com médicos-cirurgiões, ajudantes e maqueiros, onde os dois primeiros tratavam das feridas de batalha, enquanto o ultimo se encarregava da perigosa tarefa de buscar os feridos e levá-los aos acampamentos dedicados ao tratamento de feridas (BARBOSA, 2012, p. 10).

⁶ Durante muito tempo a prática de dissecação de cadáveres foi proibida pela Igreja, visto que o corpo do homem era considerado a imagem do corpo de Deus, segundo a Bíblia. A Igreja condenava esta ação alegando invasão ilegal de algo sagrado.

Ao cirurgião moderno, exigia-se o conhecimento teórico e prático da *Physica*. Além disto, era de suma importância que conhecessem as teorias da medicina antiga e árabe que fundamentavam o saber médico no período. Esperava-se ainda, que tivesse domínio sobre a terapêutica: ramo da parte prática da medicina destinado ao tratamento do corpo doente.

O termo *Terapêutica* é uma tradução do grego *therapeutiké*, e se refere à arte e/ou ciência de escolher as terapias adequadas às diversas enfermidades, ou seja, o melhores métodos para cada tipo de enfermidade. Assim como a *anamnese*, o diagnóstico e o prognóstico, é uma parte da medicina. A prática da terapêutica no medievo, envolvia a farmacologia em que pelo emprego de medicamentos, classificados pelo tempero e quantidade, procura-se restabelecer a saúde. Além desse, o outro procedimento terapêutico era a cirurgia caracterizada pela intervenção manual e tratamento de enfermidades através de operações, muito praticada pelos cirurgiões-barbeiros (REZENDE, 2010, p 149; FAGUNDES, 2006, p. 57; BALLESTER, 1972, p. 222-223).

É necessário ainda, segundo Mondeville, o conhecimento dos ferimentos em si, as suas causas, seus sintomas, o membro ferido, dimensão, as causas que resulta, e se foi, por exemplo, feito por espada ou escorpião. É preciso observar se são membros principais (coração, cérebro, fígado etc.) ou demais membros. Em seu entendimento, os ferimentos na face, crânio e pescoço eram muito comum entre os lutadores e também muito grave podendo levar a morte imediata (HENRI DE MONDEVILLE, p. 461- 463).

Para situações onde existem objetos presos ao corpo, podemos destacar as orientações de Mondeville a respeito da extração de flechas farpadas, onde o cirurgião deve levar em conta que algumas estão presas onde a extremidade aparece sem farpa; outras, de tal modo, que estão completamente escondidas, pressionadas e a luva de ferro aparece fora, sem farpas; e há outras que não aparece nada fora. Do mesmo modo, indica os melhores procedimentos para que fossem retiradas:

As flechas cujas farpas aparecem fora podem ser facilmente extraídas. Por outro lado, é mais difícil retirar aquelas cujas farpas ou todo o ferro estão escondidos ou estabelecidos no osso. Aquelas fixas no osso devem ser removidas a partir do lado em que foram inseridas através da introdução de uma cânula em torno de farpas. Se não estiverem fixas, podem ser extraídas de duas formas: pelo lado em que entraram como acabamos de dizer ou retire a flecha da parte contrária por uma ferida suficiente, se não

existia antes, observando todas as regras. (HENRI DE MONDEVILLE, p. 241).

Afirma que diferentemente dos mais antigos, os cirurgiões contemporâneos a ele, ou melhor, os novos cirurgiões, devem extrair os objetos que se encontram no corpo dos pacientes, independentemente do lugar (HENRI DE MONDEVILLE, p. 321). Quanto a isso, Mondeville diz:

Nós modernos, ou seja, Teodorico e seus seguidores, neste caso, como em todos os outros, extraímos o mais rapidamente possível qualquer objeto incorporado na ferida, verificando-se as regras que devem ser observadas. A razão por que devemos extrair de órgãos nobres e lugares perigosos, corpos que estão plantados ali [...], é o seguinte: tudo que é pressionada em um órgão nobre, fará com que uma solução de continuidade, distenda suas partes, provoque um fluxo de humores, dor, úlcera, febre pela sua localização e estadia, e a extração apazigua estes sintomas - deve ser imediatamente removido e extraído dos locais perigosos e dos órgãos nobres. Este é o caso aqui; Portanto, etc. (HENRI DE MONDEVILLE, p. 228).

Mondeville, ao discutir o mesmo posicionamento a respeito da extração dos objetos, baseia-se em autoridades de sua época e também médicos árabes. Assim, recorre ao mestre Arnaldo de Vilanova (1235-1311), defensor da ideia de que tudo que venha a preencher a cavidade de um membro deve ser rapidamente expulso pelos meios adequados. Do mesmo modo, cita também Avicena (980-1037 d. C). Para essa autoridade árabe, se deixar um objeto preso no corpo, a morte vem com toda probabilidade. Por outro lado, afirmava também que se o corpo enterrado em uma ferida, não cedesse à tração suave, deveria ser deixado para que pudesse ser expelido pela própria natureza (HENRI DE MONDEVILLE, p. 229-230).

Existe, porém, apenas uma situação onde o médico pode deixar o fragmento na ferida: quando o paciente pede insistentemente para que isto seja feito. Quanto a isto Mondeville diz:

A verdade é que o cirurgião moderno, pode e deve extrair tudo o que é pressionado em um lugar qualquer, se a força vital é mantida ou não; e independentemente dos sintomas que aparecerem, como vimos. No entanto, ele pode deixá-lo assim, se for solicitado insistentemente pelo paciente e seus amigos, depois de prever o perigo (HENRI DE MONDEVILLE, p. 229).

No geral, Mondeville é, portanto, contra o abandono do paciente e do objeto preso ao ferimento. Já o médico romano, Galeno (130-217), por outro lado, afirma o próprio Mondeville, defendia o abandono daqueles que, segundo as previsões, iriam

morrer. O médico romano, afirma que “você nunca deve medicar um homem que vai morrer, pois a força vital sofre um golpe mortal, mas prevê o que vai acontecer e, em seguida, retire-se. [...] Devemos abandonar aqueles que segundo as previsões vão morrer.” (HENRI DE MONDEVILLE, p. 366-367).

Considerações Finais

Portanto, chegamos à conclusão de que as enfermidades sempre incomodaram a humanidade, fazendo com que ao longo dos anos a medicina se aperfeiçoasse juntamente com seus profissionais. O surgimento das universidades permitiu com que esta evolução acelerasse e ao mesmo tempo trouxe a exigência de novas técnicas aos profissionais, especialmente da medicina e cirurgia. Análise da obra *A Cirurgia*, nos permite então, ter conhecimento do passo a passo para os procedimentos cirúrgicos terapêuticos. As semelhanças e diferenças entre técnicas pregadas por autoridades com Arnaldo de Vilanova, Galeno e Avicena, nos leva a concluir que Mondeville abriu caminho para significativas inovações nas técnicas de tratamento de feridas, sobretudo de batalha, e na prevenção contra complicações muito recorrentes e que levavam, na maioria das vezes, à morte do paciente.

Agradecimentos

Na ocasião, deixamos aqui, os nossos agradecimentos aqueles que tornaram possível a realização desta pesquisa. Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás, especialmente ao Campus Cora Coralina, e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação pelos incentivos à pesquisa e pela oportunidade de fazê-la. E por fim, agradecemos à Prof.^a Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes pela proposta e coordenação deste grande projeto. Entendemos que é graças a estas ações, que os estudos, sobretudo do medievo, puderam alcançar patamares elevados nos últimos anos.

Referências

FONTE

MONDEVILLE, Henri. **A Cirurgia**. Tradução de: E. Nicaise, com a colaboração do Dr. Saint-Lager e F. Chavannes. Paris, 1893.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTER, Luis Garcia. Terapêutica. In: **Galeno**. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1972, p. 222-223.

BARBOSA, Pedro Gomes. Curar em tempos de Guerra. Medicina castrense na Idade Média. **História da Saúde e das Doenças**. Lisboa: Colibri, Universidade de Lisboa, 2012, p. 9-18.

CLARKE, Clement C. Henri de Mondeville. **Yale Journal of Biology And Medicine**. New Haven, VOL. 3, Nº 6, p. 458- 481. Julho/1931. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/issues/174723>> Data de acesso: 05/08/2016.

DOMINGO, Carmel Ferragud. Los Oficios Relacionados com la Medicina Durante La Baja Edad Media en la Corona de Aragón y su proyección social. **Anuario de Estudios Medievales**. Vol. 37, Nº 1, p. 109-114. Janeiro - junho de 2007. Disponível em: <<http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/issue/view/3>> Data de acesso: 05/08/2016.

FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. **Saúde e dietética: o *Líber de Conservanda Sanitate*** do físico português Pedro Hispano (séc. XII). Goiânia, 2006, p. 55-56.

POUCHELLE, Marie – Christine. Mondeville encounters divisions in the worlds of learning and medicine. In: **They Body and surgery in the middle ages**. New Jersey: Rutgers University Press, 1990, p.13-19.

REZENDE, *Joffre Marcondes de*. Terapia, terapêutica, tratamento. In: **Revista de Patologia Tropical**. Vol. 39. Editora da UFG: Goiânia. Abr.-jun. 2010, p. 149-150.

SOUSA, A. Tavares. **Curso de História da medicina: das origens aos fins do século XVI**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.